

O TRANSFEMINISMO NOS QUADRINHOS AUTOBIOGRÁFICOS: UM ESTUDO DE CASO SOBRE SASHA, A LEOA DE JUBA E CHICATRANS

TRANSFEMINISM IN THE AUTOBIOGRAPHY COMICS: A STUDY CASE ABOUT SASHA, A LEOA DE JUBA E CHICATRANS

Samanta Coan¹

Resumo

Personagens e autoras transgêneras raramente foram protagonistas na história da arte sequencial e nos quadrinhos publicados por editoras na América Latina. Busca-se evidenciar que nos últimos seis anos, algumas quadrinistas transexuais criaram o próprio espaço nas redes sociais para falar sobre suas experiências por meio da nona arte. Esse artigo apresenta as produções *Chicatrans*, da argentina Gabriela Binder, e *Sasha, A Leoa de Juba*, da brasileira Samie Carvalho, que foram pioneiras em novas representações nas narrativas autobiográficas nos quadrinhos latinos na internet. Conclui-se que ambas têm papel fundamental no diálogo sobre a vida trans e são dotadas de discursos transfeminista ao apresentarem suas realidades. Apresenta-se um panorama da importância das ferramentas online para divulgação dessas autoras, o conceito e definições dos quadrinhos autobiográficos e do transfeminismo como base teórica para análise hermenêutica de sete *webcomics* correlacionadas.

Palavras-chave: quadrinhos autobiográficos; transfeminismo; representação; personagens.

Abstract

Transgender characters and authors rarely have been protagonists in the history of sequential art and published comics by Latin American publishers. It is evidenced that in the last six years, some transsexual authors have created their own space in social networks to talk about their experiences through the ninth art. This article presents the *Chicatrans* productions of Gabriela Binder from Argentina and *Sasha, a Leoa de Juba* from brazilian Samie Carvalho, who pioneered new representations in autobiographical narratives in Latin comics on the internet. It is concluded that both have a fundamental role in the dialogue on the trans life and are endowed with transfeminist discourses in presenting their realities. We present an overview of the importance of the online tools to disseminate these authors, the concept and definitions of autobiographical comics and transfeminism as a theoretical basis for the hermeneutical analysis of seven correlated webcomics.

Keywords: autobiographical comics; transfeminism; representation; characters.

¹ Doutoranda em Ciência da Informação pela UFMG, mestre em Design pela UEMG (2017) e atuou no coletivo Lady's Comics (2010-2018) – samantacoan@gmail.com

1. Introdução

Esse artigo busca analisar os discursos transfeministas nos *comics* autobiográficos feitas por artistas transexuais. Sua importância no cenário dos quadrinhos auxilia novas representações positivas de mulheres transexuais nas histórias. Apresenta-se as *webcomics Chicatrans*, de Gabriela Binder e *Sasha, A Leoa de Juba*, de Samie Carvalho, que têm o propósito de falar sobre a vida trans. Elas retratam situações que fomentam os questionamentos sobre os preconceitos e mostram como se sentem ao passar por inúmeros desconfortos cotidianos, seja na busca por trabalho até na aceitação do que são: mulheres. As autoras tratam suas experiências como forma de conversar com o leitor e trazer reflexões sobre a sociedade em que vivem.

Tal análise se faz necessária para auxiliar na visibilidade dessas produções tanto no cenário dos quadrinhos, como a matéria jornalística *Desenhando Gênero* feita para a revista *RISCA!*² (COAN, 2015a; 2015b) escrita pela autora deste artigo, quanto para o âmbito acadêmico, a fim de entender os discursos produzidos pelas quadrinistas com base teórica. Ainda são poucas referências dessa produção. No portal da Capes foram encontrados dois artigos, sendo um com enfoque educacional, uso do *comic* como ferramenta de discussão sobre diversidade sexual e homofobia (JÚNIOR; MAIO, 2015), e outro como análise da arte *queer*, tendo como um dos objetos de estudo um quadrinho publicado no fanzine *Sapatoons Queerinhos* (ARRUDA, 2015).

Busca-se, assim, trazer as visões das autoras sobre a construção do personagem e pontuar o feminismo trans nesses quadrinhos através da própria vivência. Também é necessário compreender que o discurso feminista não está desassociado da representação gráfica. A linguagem potencializa e expõe a diversidade discursiva de corpos a partir das experiências de vida.

2. A Construção da Autobiografia nos Quadrinhos

Existem, é claro, pessoas que resistem ao formato dos quadrinhos, mas sinto que as imagens ajudam a mostrar coisas mais abstratas e difíceis de explicar, assim como as emoções atrás das histórias contadas.
Ronnie Ritchie³

Este artigo usa como definição de autobiografia o “relato retrospectivo em prosa que uma pessoa real faz da própria existência, enfatizando sua vida individual e, em particular, na história da sua personalidade” (LEJEUNE, 1991, p. 48, tradução nossa). Somado a isso, há outros definidores desse gênero “com outros tipos de escrita pessoal: correspondências, autorretratos, diários ou memórias – e igualmente em relação a narrativas ficcionais” (PACE COELHO, 2012, p. 47). Há uma amplitude nas definições do termo devido à diversidade de categorias do gênero para construção da identidade pessoal; e ainda inúmeras formas de expor essas narrativas, como por meio dos quadrinhos.

Na construção gráfica da autobiografia nas HQs é percebida, em muitos artistas, a preferência de uma representação de si mesmos mais abstrata e caricatural (CURI, 2013). Nas narrativas de vida é necessário que a identidade do autor, do narrador e do personagem principal se coincidam, mesmo que não seja usado o mesmo nome entre eles. A construção e a

² As entrevistas foram feitas pela autor deste artigo e em partes publicadas na revista independente *Risca!* (COAN, 2015a; 2015b). O editorial foi produzida pelo *Lady's Comics* e publicada por meio de financiamento coletivo.

³ Entrevista “Pingue-pongue com Ronnie Ritchie” (COAN, 2015c, p.20). Artista não-binário da *webcomic* *GQCutie*.

leitura da história subentendem que se trata da mesma pessoa (LEJEUNE, 1991; PACE COELHO, 2012).

Forma e conteúdo trabalham em conjunto, a fim de entregar realismo ao leitor. Quando o artista lida com a reconstrução da memória, a obra é mais subjetiva do que objetiva e isso permite certa flexibilização criativa ao lidar com as inexatidões (CURI, 2013). Sendo assim, muitas obras autobiográficas usam as palavras junto com a imagem para “reforçar o caráter ambíguo com o objetivo de destacar a subjetividade daquelas narrativas da memória, algo mais familiar aos leitores contemporâneos de autobiografias” (CURI, 2013, p. 101). As HQs, dessa maneira, conseguem auxiliar o leitor para que possa ter inúmeras interpretações e aproximação dos eventos ocorridos por meio das representações imagéticas e verbais.

Na produção de mulheres transexuais, há o uso recorrente das próprias experiências de vida no roteiro, seja como um modo terapêutico para expor a transição (*Trans Girl Next Door* de Kyle Wu e *Hugo/Muriel* de Laerte Coutinho), até como resistência política e de cunho transfeminista – como será visto nos quadrinhos de Gabriela Binder e Samie Carvalho.

3. Transfeminismo: Breve Panorama

As discussões que pautam o transfeminismo foram auxiliadas pelos questionamentos levantados pelas mulheres negras nos anos de 1970 sobre o feminismo da segunda onda (1960-1970), que não contemplava todas as experiências das mulheres – era fechado a uma visão eurocêntrica, branca e de classe média (HOOKS; 2014⁴; 2018). Isso torna invisíveis questões além da base sexista e biologista, pois não considerava as vivências relacionadas à raça e classe social (JESUS, 2014; LUGONES, 2014).

A crítica feita à segunda onda impulsionou novas pautas feministas e passaram a usar as peculiaridades como modo de identificar as lutas de cada grupo. A interseção entre gênero e outras dimensões sociais passa a contribuir numa análise mais complexa sobre a heterogeneidade de identidades ao lidar com questões de região, idade, raça, classe social (JESUS, 2013). Certamente, essa confluência fortaleceu o movimento relacionado à população transgênera e ampliou a visão feminista de que assim como o sexo, o gênero é uma construção social (KOYAMA, 2003). Na época, a frase de Beauvoir (1980, p. 35)⁵ “não se nasce mulher, torna-se mulher” sintetizava a divisão de gênero e sexo, assim como deixa clara a aculturação do corpo, ainda que sugira o ato voluntário (Butler, 1986). Esse voluntarismo seria questionado por Judith Butler⁶ (1986), que analisa o trabalho da filósofa francesa ao explicitar a imposição social da heterossexualidade “idealizada e compulsória” (BUTLER, 2013, p.194). Por exemplo, quando o feto se torna um ser vivo no útero, ele diretamente é identificado como menino ou menina e, logo, há expectativas em torno do sexo/gênero desse bebê. Ao compreender o gênero como performance, Butler (2013)⁷ demonstra que a construção, imposição e regulamentação do sujeito desde as relações sociais até as cores de roupa vão enquadrá-lo em uma norma do discurso hegemônico e, logo, apaga a identidade considerada “não natural”. Dentre eles estão os gays, lésbicas, travestis, transgêneros, não-binários e outras identidades que não sigam a norma heterossexual, feminino/mulher e

⁴ *Ain't I a Woman Black Women and Feminism* (1981).

⁵ *Le deuxième sexe* (1949).

⁶ Butler se tornou uma das referências principais, a partir da terceira onda feminista (datada em meados de 1990), para os estudos de gênero, ao problematizar o que é ser mulher, abordando conceitos como performance e performatividade dos corpos. Os autores que pesquisam o transfeminismo a tem como uma das referências para reafirmar a divisão gênero/sexo e a construção discursiva dos corpos (BENTO, 2008; ALVES, 2015).

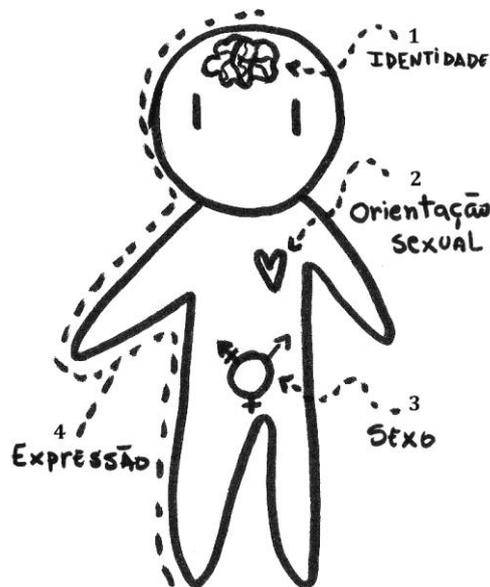
⁷ *Gender Trouble: Feminism And the Subversion of Identity* (1990).

masculino/homem.

Quando a desorganização e desagregação do campo dos corpos rompe a ficção reguladora da coerência heterossexual, parece que o modelo expressivo perde sua força descritiva. O ideal regulador é então denunciado como norma e ficção que se disfarça de lei do desenvolvimento a regular o campo sexual que se propõe descrever. (BUTLER, 2003, p.194)

É nesse ponto que o feminismo trans combate a noção de que a transexualidade não é patologia, como exposto no livro *O que é transexualidade*, de Berenice Bento (2008), mas sim uma das identidades existentes que possui diversas expressões corporais, desejos, gênero e sexo (BENTO, 2008, BUTLER; 2003) (Figura 1).

Figura 1: A complexidade do ser humano



1. É como você, na sua cabeça, pensa sobre si mesm(x), como se sente, como se enxerga. | 2. Refere-se ao desejo: por quem você se sente atraídx afetiva/sexualmente. | 3. Seu órgão biológico, cromossomos e hormônios predominantes. Feminino: vagina, ovários e cromossomos XX. Masculino: pênis, testículos e cromossomos XY. Intersexual é uma combinação dos dois | 4. É como você demonstra seu gênero, seja pela forma de agir, de vestir, de interagir ou de se expressar.

Fonte: Coan (2015a, p. 17)

Outro fator que impulsionou o surgimento do transfeminismo foi a falta de espaço político dentro da comunidade gay-lésbica para as reivindicações de transexuais. No feminismo tradicional, havia mulheres que enfatizavam o binarismo (macho e fêmea) e não aceitavam a existência de mulheres trans, por exemplo, relegando-as às categorias homem/masculino (KOYAMA, 2003; ALVES, 2015). “Surge então um movimento auto-organizado que partilha de praticamente todas as ideias feministas tradicionais e as absorve em prol de políticas trans* de emancipação” (ALVES, 2015, p. 2). Dessa forma, nota-se que hoje é recorrente afirmar que existem inúmeras vertentes de feminismos⁸, conforme a

⁸ Dentre os mais conhecidos estão: feminismo liberal, feminismo radical, feminismo socialista, eco-feminismo, feminismo negro, transfeminismo, feminismo interseccional e feminismo lésbico. Este artigo se apoia em referências do feminismo interseccional e o transfeminismo.

particularidade de cada mulher. Muito deles, como o feminismo transgênero, deixam de lado a questão do sexo biológico para dar ênfase à identidade de gênero – o que importa agora é como o indivíduo se identifica e expressa sua subjetividade.

O feminismo transgênero surge como uma crítica ao cissexismo ou dimorfismo e à falha do feminismo de base biológica em reconhecer plenamente o gênero como uma categoria distinta da de sexo e mais importante do que esta para o entendimento dos corpos e das relações sociais entre homens e mulheres. (JESUS & ALVES, 2010, p. 14)

Sendo assim, o movimento transfeminista redefine esses antigos discursos sobre o binarismo biológico e propõe novos debates para impulsionar transformações sociais. Enfatizam-se as diferenças entre gênero e biologia (Figura 1), apresentam as opressões sofridas pela imposição de comportamentos conforme o sexo de nascença e reconhecem as histórias de lutas como afirmação da própria existência.

O transfeminismo é feito por e para mulheres trans e compreende a importância de colocar os indivíduos que estão dentro do guarda-chuva trans (drag queen, homens trans, travestis...) e para além dele como atores ativos e/ou de apoio mútuo quanto às lutas (KOYAMA, 2003; JESUS, 2013). Essa sororidade na proposta do transfeminismo tem o entendimento claro que de é preciso englobar a política de coalizão feminista “nas quais mulheres com diferentes vivências e histórias lutam umas pelas outras, pois se não lutarmos umas pelas outras, ninguém irá” (KOYAMA, 2003, p. 247).

Conforme é apresentado por Alves (2015), as principais questões debatidas pelo feminismo transgênero são: 1) As questões da feminilidade; 2) A despatologização das identidades trans; 3) Cissexismo e a criação/utilização de um termo que designe as pessoas “normais”; 4) A separação da ideia de identidade de gênero como sendo sinônimo de sexualidade, e a visibilidade das pessoas trans não-heterossexuais; 5) direitos reprodutivos. É fato que essas discussões encontraram um espaço que fortaleceu e disseminou as lutas trans: a internet.

4. Espaços de Apropriação e Diálogos

Jesus (2014) demonstra como a internet se tornou um espaço para as discussões relacionadas ao transfeminismo, que está em constante produção intelectual e transformações na América Latina. “Essa potente concepção embrionária do transfeminismo vem se estruturando ao longo da segunda década do século XXI” (JESUS, 2013, p. 245). Assim, percebe-se a criação de lugares no meio online que lidam exclusivamente com os assuntos relacionados às lutas políticas dessa população e colaboram para a disseminação da informação sobre as pautas.

Esse diálogo e mobilização para questionar os padrões chegam aos produtos culturais como os quadrinhos voltados para o meio online – as *webcomics*. Foi pela web que autores transgêneros conseguiram maior visibilidade às suas produções, visto que o mercado editorial é engessado e grande parte das publicações impressas são feitas por homens. Ao longo do século XXI, os problemas desse cenário masculinizado e machista é exposto e a necessidade da inserção e da participação de negros, mulheres e minorias para fazer quadrinhos (MCCLLOUD, 2006) é apontada. “A história do desequilíbrio entre os sexos é um dos mais impressionantes exemplos do potencial desperdiçado dos quadrinhos” (MCCLLOUD, 2006, p. 100). É evidenciada a urgência da atuação e divulgação desses indivíduos que estão há muito tempo produzindo, a fim de trazer novas representações aos leitores e romper com os clássicos estereótipos vistos nos quadrinhos sobre esses grupos – desde a ausência, até papéis secundários sem qualquer tridimensionalidade.

Apesar de McCloud (2006) tratar do cenário norte-americano e evidenciar que a partir da década de 1970 houve pesquisas e quadrinistas que impulsionaram o resgate histórico (como Trina Robbins) e novas propostas de personagens tanto de mulheres, quanto de LGBT's (como Alison Bechdel), essas produções ficavam na cena underground. Não muito diferente do que ocorreu na América Latina, a exemplo da revista argentina *Somos* (1971-1976) que foi publicada de modo clandestino e com poucos exemplares feito pelo "Frente de Liberación Homosexual, una asociación de defensa de los derechos de los homosexuales. Pero luego de esa breve experiencia ninguna revista o tira se dedicaba a hablar explícitamente de género" (BORGES, 2014, p. 9). A principal mudança para esses autores foi com as ferramentas disponíveis na internet, principalmente após 2010 com as redes sociais, pois era possível fazer HQ sem gastar dinheiro com impressão e também atingir leitores de diferentes lugares sem intermediários (editoras e livrarias/bancas). Foi claro para esses autores transgêneros que a autopublicação e fazer parte da cena independente seria o caminho para seguir nos quadrinhos, uma vez que dialoga diretamente com o próprio público (COAN, 2015a).

As artistas transgêneras estão produzindo quadrinhos há décadas e, enquanto ocorre as discussões e as lutas do transfeminismo, elas desconstruem as representações estereotipadas sobre a vida trans na arte sequencial.

Certamente, a internet – redes sociais, blogs e sites – tem contribuído para auxiliar não apenas nas novas representações, mas também promover visibilidade dessas artistas. Se há o problema de registro histórico sobre a atuação e produção feita por mulheres cisgêneras nos quadrinhos, como é percebido nos livros de histórias de HQs que enfatizam a produção masculina, as mulheres trans são esquecidas. É certo que existe, junto com a nova e atual onda feminista, um movimento para saber quem são essas autoras e o que produzem. Não importa se são poucas atuando na cena argentina e brasileira, como é o caso da Gabriela Binder e Samie Carvalho, o importante é enfatizar a existência delas e que estão propondo novas realidades com o recurso da autobiografia.

5. Estudo de caso: *Chicatrans e Sasha, A Leoa De Juba*

As *webcomics* de Samie Carvalho e Gabriela Binder, tiveram início na rede social Facebook. A página *Sasha, A Leoa de Juba* começou em dezembro de 2012 com publicações semanais, expandiu o conteúdo para o Tumblr e hoje está em hiato desde janeiro de 2016. Já *Chicatrans* nasceu em maio de 2014 e se mantém apenas esse canal para as publicações semanais de quadrinhos.

As autoras possuem traços e influências estéticas distintas para a criação dos personagens (Figura 2), enquanto Samie trouxe uma linguagem mais antropomorfizada no estilo dos clássicos Disney/Warner para *Sasha*, Gabriela teve os quadrinhos de super heróis mais realistas e caricaturais como base. O que as iguala é a motivação quanto a necessidade de falar sobre suas experiências como mulher trans. Conforme dito por Samie, "o meu quadrinho é extremamente autoral, quase uma epifania. Era algo que eu sentia que tinha que colocar pra fora de alguma forma. A *Sasha* no começo era algo que eu fazia como terapia, e acabou crescendo além da minha expectativa" (CARVALHO, 2014).

Figura 2: Personagem Sasha de Samie Carvalho e Chicatrans de Gabriela Binder



Fonte: www.facebook.com/SashaTheLioness e www.facebook.com/Chicatrans-1392287807660234

É certo que a linguagem usada nessas narrativas autobiográficas é o tragicômico. Binder esclarece a motivação e como lida com as vivências para a construção do quadrinho: “eu queria compartilhar um pouco o humor das situações às vezes complicadas e difíceis para uma mulher trans” (apud COAN, 2015b, p. 22).

O leitor entra em contato com inúmeras situações desconfortáveis por meio das personagens e passa a compreender como é a vida trans – desde a dificuldade de conseguir emprego até os discursos usados para não reconhecerem a existência delas de acordo com o sistema de gênero binário.

Divide-se em dois grupos heterogêneos para enfatizar as narrativas que são embasadas nas discussões do feminismo trans: lutas e desconstrução; e empoderamento e sororidade. A autobiografia pode tornar o leitor um confidente e testemunha.

5.1. Entre Lutas e Desconstruções

Em parte dos quadrinhos das autoras, há situações pessoais que tratam da desconstrução da ideia do gênero binário. Quando abordam a relação familiar, nota-se a dificuldade dos pais em compreenderem e superarem a ideia do sexo de nascença como definidor da identidade de gênero. A começar com Binder, que mostra em alguns de seus quadrinhos o processo de aceitação e como o fato de não ser o que os pais sonhavam a deixava angustiada e triste. Em *Los sueños de mi madre* (FIG.3), Gabriela apresenta essas expectativas da mãe – um homem viril com filhos e esposa a visitando aos domingos – sendo um sonho longínquo que não será cumprido. Diferente de Sasha, na HQ *Conversa de Pai e "Filho" (?)*, na figura 4, o pai reluta em aceitar o gênero da filha ao insistir no tratamento masculino, ao corrigir a fala da garçonete e colocar a personagem em uma situação desconfortável. As interações entre os três personagens balanceiam uma conversa complicada entre pai e filha com o comentário da atendente que quebra o clima pesado. Sasha, no último quadro, não é desenhada mais como leoa, uma vez que é reconhecida e tratada pelo gênero correto pela garçonete.

Figura 3: Los sueños de mi madre de Gabriela Binder



Fonte: www.facebook.com/Chicatrans-1392287807660234

Figura 4: Conversa de Pai e "Filho"(?) de Samie Carvalho



Fonte: www.facebook.com/SashaTheLioness

O discurso relacionado ao binarismo e ao sexo de nascença é ouvido a todo tempo pelas quadrinistas, presente em várias formas. Não há problemas apenas no âmbito familiar, como exposto em “Oroboros”, de Samie Cavalho (Figura 5): ao longo da história, grupos sociais sempre utilizaram discursos que legitimam o subjugo de uns sobre outros – seja por ser mulher na antiguidade, ou por ser trans hoje. A autora usa a fala e a figura da personagem feminista radical, embasada pelo suposto privilégio masculino e pela biologia, a fim de evidenciar a falsa ideia da “verdadeira mulher” exaltada no radicalismo que, na verdade, não suporta a ideia de aceitar mulheres trans na luta feminista. O nome escrito na capa do livro que essa personagem carrega é da feminista radical Cathy Brennan. Isso deixa claro para o leitor qual vertente do movimento das mulheres que a quadrinista critica. Samie desenha diferentes personagens (negra, gorda, magra, branca, criança, idosa e entre outros) como forma de reafirmar seu posicionamento político quanto à normatização não apenas nos

discursos, mas como nos corpos dessas mulheres.

Figura 5: HQ "Oroboros" de Samie Carvalho



Fonte: www.facebook.com/SashaTheLioness

Gabriela Binder também expõe essa violência e vai além ao contar que quando era criança tinha medo de monstros no guarda-roupa, que na verdade estavam na rua agredindo-a verbalmente por assumir-se trans (Figura 6). É certo que a transfobia aparece das mais variadas formas no cotidiano das autoras e os roteiros desenhados permitem questionar os discursos atrelados à ele. Um exemplo é o quadrinho Entrevista de Emprego (Figura 7), que evidencia a dificuldade de Sasha para encontrar emprego, mesmo sendo tão capacitada quanto os outros candidatos para a vaga. É visto o cansaço da personagem durante as entrevistas devido às mesmas desculpas para encobrir a transfobia como motivo da recusa. Ao mesmo tempo que apontam essas dificuldades de ingressar no mercado de trabalho, a autora expõe a desigualdade no tratamento quando se veste de leão.

Figura 6: Quadrinho El Closet de Gabriela Binder



Fonte: www.facebook.com/Chicatrans-1392287807660234

Figura 7: Entrevista de emprego de Samie Carvalho

SASHA A LEOA DE JUBA em: Entrevista de Emprego
 por Samie Carvalho



Fonte: www.facebook.com/SashaTheLioness

5.2. Empoderamento⁹ e Sororidade

Ao passo que as autoras lidam com questões que pesam seu cotidiano, há o intento de fortalecer a luta transfeminista com narrativas que promovem a valorização e a capacidade de mudança. A conversa passa ser direta às pessoas trans, a fim de mostrar que não estão sofrendo sozinhas. Em Chicatrans (Figura 8), Binder procura trazer sempre falas de apoio às pessoas trans, enfatizando o “poder” de conseguir seus direitos quanto ao acesso a um emprego, ao respeito e à possibilidade de adotar uma criança.

Figura 8: Gabriela questiona sobre seus direitos



Fonte: www.facebook.com/Chicatrans-1392287807660234

Não apenas há o apoio para os transexuais, como também há a sororidade entre as lutas de feministas negras, brancas e lésbicas, como é visto no quadrinho de Sasha, na figura 9. Mesmo depois de desprezada pela feminista radical, a personagem se mostra disponível para ajudar as outras com o discurso “mexeu com uma, mexeu com todas”. Isso também é visto na HQ de Binder que fortalece o movimento feminista argentino chamado *Ni Una Menos* – pelo qual lutam contra o feminicídio e a cultura machista – questionando a origem da violência contra as mulheres. Ao passo que existe a sororidade no discurso narrativo, não se pode deixar de problematizar que quando há conflitos e tensões de interesses entre mulheres, a irmandade e solidariedade podem se perder, tendo a hierarquia social restabelecida para legitimar pontos de vistas e privilégios pessoais, como é vista na Figura 9. É preciso lembrar que não há igualdade quando há diferenças de vida e de experiências entre esses sujeitos (TIBURI, 2016; HOOKS, 2018).

⁹“O processo de empoderamento da mulher traz a tona uma nova concepção de poder, assumindo formas democráticas, construindo novos mecanismos de responsabilidades coletivas, de tomada de decisões e responsabilidades compartilhadas” (COSTA, 2000, p. 44).

Figura 9: Macho e fêmea de Samie Carvalho



Fonte: www.facebook.com/SashaTheLioness

Gabriela Binder e Samie Carvalho projetam suas histórias de vida em diversos temas ao buscarem uma sociedade que compreenda sua identidade de gênero e subjetividade como qualquer outro ser humano. Essa atuação é importante porque contribui para contar narrativas que também são vivenciadas por outras pessoas transgêneras. O retorno sobre os quadrinhos, nos comentários das páginas, só evidencia o quanto as personagens e narrativas promovem essa identificação pessoal (CARVALHO, 2012; BINDER, 2014). Além disso, auxiliam o leitor cisgênero a compreender o que é ser trans na sociedade atual e, assim, impulsionar reflexões sobre seus privilégios e fomentar mudanças no comportamento naturalizado que deslegitima as experiências trans.

Quando você lida com o diferente, você também se transforma, se coloca em questão. Diversidade é "cada um no seu quadrado", uma perspectiva que compreende o Outro como incomensuravelmente distinto de nós e com o qual podemos conviver, mas sem nos misturamos a ele. Na perspectiva da diferença, estamos todos implicados/as na criação desse Outro, e quanto mais nos relacionamos com ele, o reconhecemos como parte de nós mesmos, não apenas o toleramos, mas dialogamos com ele sabendo que essa relação nos transformará. (MISKOLCI, 2015, p.12)

As trajetórias dessas personagens fortalecem uma cena que carece de boas representações, colaboram nas informações sobre o que é ser transexual, a fim de incentivar uma cultura de respeito e romper com os discursos transfóbicos. Ao chegarem num vasto público da internet, essas quadrinistas passam a ocupar espaços que evidenciam, assim como nos quadrinhos, a constante tensão que vivem, conforme Lugones (2014), a opressão → ←

resistência cotidiana. Ou seja, os conflitos sociais respaldados pelo discurso de ódio, pela normatização de subjetividades, deixam claro como a materialidade do transfeminismo, por meio das *webcomics*, pode ser uma ferramenta de resistência dessas autoras.

6. Representações Importam

As duas produções analisadas ainda estão restritas ao nicho independente, visto que Chicatrans possui mais de 4 mil e Sasha mais ou menos 11 mil likes na página do Facebook, o que não reduz a importância para os quadrinhos latino americanos. Ambas trouxeram novas representações femininas para o cenário e, o mais importante: autorrepresentação.

Não apenas é apenas Samie e Gabriela que têm fortalecido as vozes trans na internet, a exemplo dos quadrinhos brasileiros *Pequenas Felicidade Diárias*, de Alice Pereira, lançada em 2018; e *Transistorizada*, de Luiza Lemos, criada em 2016. Nelas, novas vivências são exploradas, cada qual com um olhar específico sobre a própria realidade. Isso é essencial para reafirmar a diversidade da historicidade dessas mulheres, a partir do momento que colaboram com a fixação de memórias que foram silenciadas e agora passam a ser registradas e documentadas por meio da internet. Nas entrevistas realizadas para a revista (COAN, 2015a), foram identificados uma série de autores trans. As ferramentas disponíveis no meio online (redes sociais até financiamento recorrente) tem evidenciado que os discursos de que “não existem” ou “são muito poucas” atuando nos quadrinhos, nunca foram tão equivocados.

Aclarar essas representações em um produto cultural específico é evidenciar a falta de discussões e de boas construções de personagens e roteiros sobre pessoas transexuais principalmente na cena dos quadrinhos *mainstream*. Sendo assim, as autoras servem como referência para outros artistas e leitores compreenderem a complexidade da vida trans, que não pode ser reduzida a uma representação puramente caricatural. Outro ponto é evidenciar que as histórias não lidam apenas com o fim trágico, mas que há sujeitos (desde super-herói até pessoas do cotidiano) que aparecem nas narrativas como contraponto de suporte e de esperança quanto às transformações sociais pautada no respeito.

Referências

- ALVES, Hailey. O que é Transfeminismo? Uma Breve Introdução, 2015. Entrada out. 10, 2016, de USP:
<https://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/371874/mod_resource/content/0/Encontro%206%20-%20O-que-%C3%A9-Transfeminismo.pdf>. Acesso em: 10 out. 2016.
- ARRUDA, Lin. Translesbianizando o olhar: representações na margem da arte. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 23, n. 1, p. 229-238, mar. 2015. ISSN 1806-9584. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/37476/28773>>. Acesso em: 10 out. 2018.
- BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**, v.II. Tradução Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- BENTO, Berenice Alves de Melo. **O que é transexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 2008.
- BINDER, Gabriela. Facebook: Chicatrans. **Chicatrans**, 2014. Disponível em: <<https://www.facebook.com/Chicatrans-1392287807660234/>>. Acesso em: 30 out. 2016.
- BORGES, Gabriela de. (2014). **“Encuentre su Clítoris”**: Observaciones sobre una revista de historieta de género en Argentina. Buenos Aires: Dissertação de Mestrado. Faculdade Latino Americana de Ciencias Sociales (FLACSO).

- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- BUTLER, Judith. **Sex and Gender in Simone De Beauvoir's Second Sex**. *Yale French Studies*, no. 72, 1986, pp. 35–49. Disponível em: www.jstor.org/stable/2930225. Acesso em: 4 fevereiro 2018.
- CURI, Fabiano Andrade. **Desenhos da memória**: autobiografia e trauma nas histórias em quadrinhos. Campinas, São Paulo: Tese de Doutorado – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. 2013.
- CARVALHO, Samie. BN Entrevista – Samie Carvalho, 2013. Disponível em: <http://www.bearnerd.com.br/bn-entrevista-samie-carvalho/>. (M. ByM, Entrevistador). Acesso em: 24 de out. 2016.
- CARVALHO, Samie. Entrevista – Samie Carvalho, 31 jan. de 2014. Disponível em: <http://ladyscomics.com.br/entrevista-samie-carvalho>. (Lady's Comics, Entrevistador). Acesso em: 20 de out. 2016.
- CARVALHO, S. Facebook: Sasha, The Lioness. **Sasha, The Lioness**, 2012. Disponível em: <https://www.facebook.com/SashaTheLioness>. Acesso em: 20 outubro 2016.
- COAN, Samanta. Desenhando gênero. **Revista RISCA!** pp. 12-19, 2015a.
- COAN, Samanta. ¡Una chica sí! **Revista RISCA!** pp. 22-24, 2015b.
- COAN, Samanta. Pingue-Pongue com Ronnie Ritchie. **Revista RISCA!** (Samanta Coan, Entrevistadora). pp. 20, 2015c.
- COSTA, Ana Alice. Gênero, Poder e Empoderamento de Mulheres. **Seminário de aprofundamento do trabalho com gênero no Pró-Galvão**, (pp. 35-44). Vitória da Conquista. 2000.
- HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. Rio de Janeiro: Rosa Tempos, 2018.
- HOOKS, Bell. **Ain't I a Woman Black Women and Feminism**. Routledge. New York, 2014.
- JESUS, Jaqueline Gomes. Feminismo e identidade de gênero: elementos para a construção da teoria transfeminista. **Seminário Internacional Fazendo Gênero 10**, (pp. 1-9). Florianópolis. 2013.
- JESUS, Jaqueline Gomes. Gênero sem essencialismo: feminismo transgênero como crítica do sexo. **Universitas Humanística**, 78, pp. 241-258. 2014.
- JESUS, Jaqueline Gomes, & Alves, Hailey. Feminismo transgênero e movimentos de mulheres transexuais. **Revista CRONOS**, 11 (2), pp. 8-19, 2010.
- JÚNIOR, Isaias Batista de Oliveira; MAIO, Eliane Rose. Diversidade sexual e homofobia: a cultura do “desagendamento” nas políticas públicas educacionais. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 10, n. 1, p. 35-53, jan./jun. 2015. Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa>. Acesso em: 10 out. 2018.
- KOYAMA, Emi. **The Transfeminist Manifesto**. (R. Dicker, & A. Piepmeier, Eds.) *Catching a Wave: Reclaiming Feminism for the 21st Century*, 244-259, 2003.
- LEJEUNE, Philippe. **El pacto autobiográfico**. Suplementos *Anthropos*, 47-61, 1991.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 935-952, set. 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/36755>>. Acesso em: 13 nov. 2017.

MCCLLOUD, Scoot. **Reinventando os Quadrinhos**. São Paulo: M. Books do Brasil Editora Ltda, 2006.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer**: um aprendizado pelas diferenças. Belo Horizonte: Autêntica Editora: UFOP - Universidade Federal de Ouro Preto, 2015.

PACE COELHO, Ana Amelia. **Lendo e escrevendo sobre o pacto autobiográfico de Philippe Lejeune**. São Paulo: Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2012.

TIBURI, Marcia. Prefácio. IN: **Vamos juntas?** – O guia da sororidade para todas. Rio de Janeiro: Galeria Record, 2016.